

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p315-317](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p315-317)

RESENHA/RECENSÃO - BOOK REVIEWS

SWARNS, Rachel L. **Os 272**: As famílias que foram escravizadas e vendidas para construir a Igreja católica americana. New York: Random House, 2023. 352p¹.

*Faustino dos Santos**

Um artigo intitulado *272: Os escravos foram vendidos para salvar Georgetown. O que é que isso deve aos seus descendentes?*² foi publicado, em 2016, no New York Times. Com esse artigo, a autora, Rachel L. Swarns, uma jornalista católica negra, autora e professora associada da Universidade de Nova Iorque, abriu uma controversa porta do passado da Igreja Católica nos Estados Unidos da América (EUA) ao passo que também possibilitou que muitos afrodescendentes nos EUA conhecessem um capítulo desconhecido do seu passado através da história dos seus ancestrais.

Em 2023, quase dez anos depois, *The 272: The families who were enslaved and sold to build the American Catholic Church*, um livro escrito por Swarns, foi lançado. Após anos de pesquisa, *The 272* revela o que podemos considerar uma face embaraçosa da história católica americana. Este livro é uma obra que desafia e questiona à tradição católica o que ela tem feito para reparar os escândalos históricos que envolvem o uso e a venda de pessoas escravizadas para benefícios privados e institucionais.

¹ Tradução livre, do autor da Resenha. O livro ainda não tem tradução para o português.

* Doutorando em Teologia Sistemática na Fordham University, Nova Iorque-EUA. Mestre em Teologia Prático-Sistemática pela UNICAP. País de origem: Brasil. E-mail: faustinosantos17@gmail.com.

² *272: Slaves Were Sold to Save Georgetown. What Does It owe Their Descendants?* Tradução livre, do autor da Resenha.

Em um livro que contém quatorze capítulos e um total de 352 páginas, Swarns conta a história ocorrida em 1838 envolvendo as 272 pessoas escravizadas que foram vendidas pelos jesuítas de Maryland para a subsistência e manutenção da Universidade de Georgetown, que é a mais antiga universidade católica dos EUA. Reconhecendo a complexidade de descrever e narrar as histórias de milhares de negros que tiveram suas vidas relegadas à situação vulnerável da escravidão, a autora costura sua obra em torno da família Mahoney, cujas irmãs, Anna e Louisa, foram separadas na venda daquele ano e enviadas para o sul dos EUA.

A família Mahoney é uma entre milhares de outras que foram afetadas por aquela situação desumana em que as pessoas em condições de escravatura eram consideradas propriedade passível de ser trocada e vendida. Por detrás da narrativa da família Mahoney, Swarns faz-nos imaginar o extenso e complexo quadro da lógica da escravatura, protagonizada por instituições religiosas e civis. Com o seu trabalho, a autora despertou a consciência dos parentes hereditários de hoje, como Jeremy Alexander e Melissa Kemp, citados por Swarns no seu livro, para procurarem formas de fazer as pazes com a universidade jesuíta e os jesuítas com os descendentes das pessoas vendidas.

Como a própria autora afirma no seu livro, "sem os escravizados, a Igreja Católica nos Estados Unidos, tal como a conhecemos hoje, não existiria". Foi através da manutenção e venda de pessoas escravizadas que os Estados Unidos viram surgir o primeiro Colégio Católico (Georgetown College, mais tarde Georgetown University), a primeira Arquidiocese, anteriormente Diocese de Baltimore, 1789, e a primeira Catedral Católica (Baltimore, 1821).

Como a sua obra pretende ser uma memória pública, a autora recorda que, como há uma implicação moral na própria história, as instituições enveredaram por caminhos de reparação. A universidade em questão, por exemplo, desde 2016 elaborou um "estatuto preferencial no processo de admissão para os descendentes", bem como o pedido formal de perdão em 2017 e a iniciativa em 2019 de angariar 400.000 dólares por ano para beneficiar os descendentes dos 272 vendidos, ou a disposição em 2021 de angariar 100 milhões de dólares para promover iniciativas de reconciliação. Uma

vez apresentada a situação, a questão que surge é sobre como expiar as injúrias transmitidas através das gerações.

Consciente de que muitas instituições americanas contemporâneas estão ligadas à escravidão, a autora acredita que a partilha das histórias de indivíduos ou grupos familiares, como a família Mahoney, e a sua ligação a estas organizações pode ser uma forma possível de tornar estas histórias mais humanas, apesar do processo desumanizador que sofreram. A autora salienta que aqueles que foram vendidos são pessoas com nomes cujo tempo presente está ligado a eles.

Ao revelar a realidade dos Estados Unidos e da Igreja Católica após mais de 180 anos, o livro dialoga e aciona os gritos inauditos daqueles que foram esquecidos na história. Continua a ser triste e doloroso saber que a escravidão fez tudo para relegar a memória e a história das pessoas para o esquecimento, ao ponto de não saberem de onde vinham nem quem eram seus familiares. Da mesma forma, o livro serve como um apelo para que as instituições, sejam elas religiosas ou não, busquem formas de fazer as pazes com aqueles que herdaram/são obrigados a viver sob o legado do passado escravista que ainda insiste em permear os inúmeros meios de racismo institucionalizado em diferentes lugares.

Aplicando o apelo do livro sobre os Estados Unidos à realidade do Brasil, é possível dizer que tanto o país quanto a Igreja Católica que se ergueram sobre os ombros dos escravizados ainda têm muito a fazer. Sendo o Brasil o país que mais recebeu escravizados (cerca de 5,5 milhões dos 12 milhões trazidos para o "Novo Mundo") e o último a abolir a escravidão (1888), é inevitável não se perguntar quantos dos antepassados negros também foram vendidos e espoliados para manter estruturas e salvar instituições. Dada a duração da escravidão, a dimensão do país e a estrutura da Igreja Católica, há ainda muitas "famílias Mahoney" a descobrir, muitas histórias a contar e, sobretudo, muita reparação a ser feita.